

O Ensino Superior no espaço lusófono: A construção de um espaço de cooperação e mobilidade.⁹



Sandra Borralho de Oliveira e Sanches¹⁰

Resumo

Ao abordarmos o Ensino Superior na sua vertente académica, a Universidade, estamos a enfatizar não só a sua componente pedagógica mas também a sua componente cultural ainda que de uma forma implícita. No entanto, quando abordamos a Universidade dentro do Espaço Lusófono já estamos a acentuar, entre outros, também os laços interculturais.

A Universidade no Espaço Lusófono faz-nos pensar de imediato numa cultura comum, numa língua mãe, faz-nos pensar em vários tipos de mobilidade e cooperação.

Num contexto de globalização a Universidade tem desenvolvido acções de cooperação no plano internacional e, em alguns casos, no Espaço Lusófono em particular. Este tipo de cooperação mútua tem-se revelado imprescindível para a construção, autonomia e delimitação de fronteiras do Espaço da Universidade no plano global tendo em conta a importância que assumem as ligações, culturais e socioeconómicas, tão específicas existentes no Espaço Lusófono, onde a Língua Portuguesa desempenha o papel de elo de ligação por excelência.

É importante questionar como se constrói um espaço de interculturalidade dentro de um outro espaço, que por si só, já exhibe uma marca de interculturalidade, o próprio Espaço Lusófono. A realidade da cooperação mútua e a mobilidade de pessoas no Espaço Lusófono são veículos que a Universidade encontrou para a construção do seu próprio espaço intercultural dentro da vastidão cultural que é a Lusofonia.

⁹Seguiremos aqui a ortografia original utilizada pela autora.

¹⁰Programa Doutoral de Teoria-Jurídica e Política das Relações Internacionais. Orientação: Prof. Miguel de Sousa Rocha. Co-Orientação: Prof.^a Maria de Deus Manso. Universidade de Évora.



Urge perceber qual é o papel que a Universidade assume no processo de construção intercultural. As Universidades cooperantes do Espaço Lusófono apenas partilham os (seus) valores culturais ou vão mais longe e geram valores intrínsecos, muitos próprios, que serão base da construção e defesa de um espaço intercultural que ultrapassa os limites do plano académico.

Palavras-chave: Lusofonia. Cooperação. Globalização. Ensino Superior.

Abstract

In approaching higher education in their academic positions, the University, we emphasize not only his pedagogic component but also its cultural component albeit in an implicit form. However, when we deal with the University within the Lusophone Space we are emphasizing, among others, cultural exchanges.

The University in the Lusophone Space makes us immediately think of a common culture, a mother tongue, makes us think of various kinds of mobility and cooperation.

In a context of globalization the University has developed cooperation at international level and in some cases, particularly in the Lusophone Space. This kind of mutual cooperation has proved essential for the construction, autonomy and demarcation of the frontiers of the Space of University at the global level taking into account the importance in the links, cultural and socioeconomic, as specific components existing in the Lusophone Space, where the Portuguese language is the connexion of excellence. It is important to question how to build an intercultural space within another space, which by itself already displays a mark intercultural, the Lusophone Space. The reality of mutual cooperation and mobility of people in the Lusophone Space are vehicles that the University met for the construction of their own cultural space within the cultural expanse that is the Lusophone Culture.

It is urgent realize what is the role that the University assumes in the process of building intercultural. The Universities cooperating in the Lusophone Space only to share (their) cultural values, or already went further and generated intrinsic values, many themselves, which were based on the construction and defence of a cultural space that exceeded the limits of academic plan.

Keywords: Lusophone Space. Cooperation. Globalisation. Higher Education.



Globalização é um termo que ouvimos diariamente de forma frequente, tão frequente que se tornou uma expressão quase banal. Vivemos na “era global”, “na aldeia global” quem nunca citou estas ideias? Ideias que, podem reflectir: um tempo histórico, conceitos e / ou sentimentos contraditórios.

Globalização é, do meu ponto de vista, uma janela de novas formas, de novas configurações, em última instância, de novos paradigmas. Esta conduziu à necessidade de reconfigurar os campos de saberes existentes bem como o reajustamento dos poderes inerentes a cada um desses saberes.

É num contexto global que a instituição Universidade tem vindo a reconfigurar o seu campo de saberes/poderes. O reflexo dessa reconfiguração é a análise, os projectos e as iniciativas que a Universidade tem vindo a desenvolver quer no funcionamento interno da mesma quer na sua abertura para o exterior.

De acordo com Foucault (1998) as explicações históricas, nos dias de hoje, focam-se na compreensão de um mundo de descontinuidades e rupturas. Assim, existe no mesmo espaço de jogos de relações, diversas estratégias, diversas escolhas e/ou projectos. A Universidade é, ela própria, um campo de investigação sobre si mesma, pois a análise sobre as relações de “saber/poder” revelam-se fundamentais nas questões associadas à educação e ao desenvolvimento.

Na análise do discurso da Universidade para o século XXI, o corpo de poderes que deriva do corpo de saberes que a mesma transmite no âmbito educacional, materializados em políticas de cooperação e desenvolvimento, dão à Universidade a capacidade de defender o seu espaço na “Aldeia Global”.

A “cultura do global” estendeu-se pelo globo chegando também à Universidade o que quer dizer que a última não pode ou não deve adoptar uma postura cristalizada sobre a metodologia de ensino. A Universidade tem vindo a adoptar uma postura, mais ou menos, activa neste processo de descontinuidades, rupturas e novas oportunidades que é o processo de globalização. Aliás, uma das respostas da Universidade ao processo de globalização tem sido o crescente esforço para a internacionalização, sobretudo no que se refere a programas de mobilidade e adopção de políticas que reforçam a sua posição nas redes internacionais. Outra resposta da Universidade para acompanhar a dinâmica do processo de globalização, esta local, tem sido a reconceptualização dos conceitos e praticas educacionais através da aposta em políticas educacionais multidisciplinares e transnacionais ou da aposta no reforço da dimensão

internacional na escola. É óbvio que estas respostas não são lineares nem isentas de oposição, pois implicam uma revisão das perspectivas mais tradicionais de educação no ensino superior, no entanto, são as respostas necessárias para atender às necessidades do capital humano formado na escola.

As necessidades do capital humano formado pelas Universidades traduzem-se, muitas vezes, em oportunidades de trabalho ou de investigação no Espaço Lusófono. Esta é uma das razões pela qual existe uma intensa cooperação entre Universidades do Espaço Lusófono, existem no entanto, outras razões, tais como uma história e uma língua em comum.

Quando falo em Lusofonia estou a circunscrever um espaço de diversas pessoas que falam a língua portuguesa como forma de comunicação ainda que não seja a sua única língua falada. A este espaço refiro-me como Espaço Lusófono, aquele espaço onde as pessoas partilham muito mais do que uma língua em comum, partilham, também, um conjunto de valores, representações, formas de conhecimento, saberes e práticas. São as pessoas que partilham a cultura e a identidade Lusófona.

A Comunidade Lusófona, sempre em construção, está constantemente a delinear caminhos, caminhos esses que se traduzem na Universidade em Cooperação Mútua com os Países do Espaço Lusófono, esta cooperação considera não só a partilha de valores académicos bem como a partilha de uma história comum.

No século XX a criação da CPLP veio promover uma aproximação entre a comunidade lusófona, não apenas por partilharmos uma língua em comum mas por partilharmos muitas mais características.

No século XXI e num contexto de globalização a CPLP pode funcionar como que uma alavanca para facilitar o diálogo internacional, internamente, entre os seus membros e destes últimos com a restante comunidade internacional. Neste contexto a cooperação entre Universidades do Espaço Lusófono faz cada vez mais sentido de forma a que todo o corpo de saberes partilhados entre os membros de espaço intercultural seja transformado num corpo de poderes no século XXI.

Depois de uma reflexão sobre como a Universidade tem participado em movimentos de cooperação internacional de âmbito académico percebe-se o que já foi feito e o que ainda há para fazer.

Actualmente, vive-se um momento importante, na medida em que a Universidade é chamada a construir um espaço, o Espaço da Universidade,



que se pode delimitar através da existência e implementação de políticas de cooperação mútua e de desenvolvimento. Para aplicar estas políticas, a Universidade apostou em respostas, consideradas adequadas, tais como: a educação, a cultura, a tecnologia, a comunicação ou valores a transmitir. Esta contribuição tende a apostar na formação de pessoas quer na licenciatura, na pós-graduação ou na formação contínua. Sendo que a grande aposta da Universidade no plano internacional está na investigação.

A Universidade nos últimos anos tem vindo a desenvolver a vertente internacional de forma a enfrentar e vencer os desafios colocados pelo mundo global. Actualmente esta preocupação é um dos temas mais discutidos veiculados pelos programas de mobilidade e cooperação internacional dentro da Escola.

A educação sempre foi um ponto estratégico para o desenvolvimento de um país. Nos últimos anos, no contexto da “globalização”, o valor da educação tornou-se ainda maior. Segundo vários investigadores existe uma relação comprovada entre educação e desenvolvimento económico, social e humano. Assim, a educação superior deve ser vista e tratada como um valor estratégico, logo como um investimento.

A Universidade assume como estratégia a necessidade de estimular os programas de intercâmbio internacional através da cooperação entre Universidades e da mobilidade de estudantes, professores e investigadores, promovendo desta forma as relações internacionais com outras nações.

A Universidade também tem investido na construção de parcerias de qualidade com instituições estrangeiras através da implementação de acordos ou da divulgação de oportunidades académicas internacionais junto da comunidade científica. Para atingir estes objectivos, a Universidade organiza, acompanha e avalia os acordos, presta apoio logístico e operacional na elaboração de projectos de cooperação internacional, apoia na gestão de fundos de apoio a iniciativas internacionais, divulga informações relacionadas com oportunidades internacionais e tenta sensibilizar a comunidade científica para a importância das experiências de nível internacional.

Ao nível do espaço Lusófono, a Universidade tem tentado possibilitar aos estudantes e investigadores novos campos de experiência, na formação e na investigação. A Universidade tem, também, tentado oferecer aos docentes a possibilidade de ampliar o campo de acção das suas actividades académicas quer de ensino quer de investigação pela participação em encontros, congressos,

colóquios, seminários, estágios, programas e projectos promovidos com Universidades do Espaço Lusófono.

No entanto, é importante de futuro que a Universidade participe de forma activa nas redes de cooperação internacional, quer no Espaço Lusófono quer em qualquer outro espaço internacional em benefício do seu próprio desenvolvimento regional.

A comunidade científica lusófona tem um património cultural em comum pelo facto de ser uma comunidade linguística que funciona como um elo identitário facilitador das redes de cooperação, investigação e desenvolvimento.

Estamos perante um desafio que exige uma coabitação cultural, sim porque este é o desafio da comunidade lusófona. É, no entanto, necessário, projectar esta comunidade no sistema mundial de comunicação e promover o heteroconhecimento dos cidadãos lusófonos. Nos dias de hoje a Internet, por exemplo, tem a capacidade de gerar “ciber-mestiçagem” seja sociocultural ou interpessoal, ao mesmo tempo que promove o heteroconhecimento das comunidades lusas e científicas dos vários países de expressão lusófona. (SILVA, 2002)

Um facto defendido, por vários cientistas portugueses e brasileiros, é de que os descobrimentos levaram à fixação de população, conduziram à formação de populações híbridas, onde o Brasil disso é um exemplo marcante. Este processo não foi só biológico mas sociocultural e poderá ser considerado como a génese da globalização, cujo principal desafio visa promover o encontro multicultural. Para que tal seja possível é necessário a existência de um espaço mútuo de conhecimento, com um legado histórico, social e cultural.

Tal como fomos perdulários com as especiarias da Índia e com o ouro do Brasil parece que ainda não percebemos as enormes potencialidades de mediação cultural do património que continuamos a esconder e a esquecer de que somos depositários porque as vicissitudes da história o atirou para as nossas mãos. (AREIA, 2000). Esta imensa dimensão lusófona é uma dimensão repleta de diversidades e de valores supranacionais a que chamamos de espaço lusófono.

Num mundo, dito global, a Universidade deve estar presente nesse mesmo mundo, ao lado dos outros sujeitos de acção na construção do espaço global. A Universidade de hoje além da sua missão primária deve preocupar-se em trabalhar para a internacionalização através dos programas de cooperação e mobilidade. Assim, a credibilidade e o reconhecimento da Universidade no contexto internacional globalizado depende destas duas vertentes da sua missão. Depende de como a Universidade trabalha para estar numa posição



internacional e de como defende a continuidade e aprofundamento das relações internacionais, nomeadamente com o espaço lusófono.

A abertura da Universidade à internacionalização e à cooperação não se esgota em programas de mobilidade, cooperação ou parcerias estratégicas é importante que a Universidade deseje inculcar *qualidade* na formação e que promova um sentimento de qualidade na sua própria *cultura organizacional*.

Existe uma necessidade real para o reforço da cooperação e internacionalização que decorre deste novo contexto em que a *globalização* ou mundialização ocorrem, tendo em conta as alterações operadas no seu conceito. A globalização, hoje, acarreta um sentido mais amplo do que o simples fluxo de dinheiro, bens ou pessoas, pois é um processo que engloba não apenas a economia, mas também a cultura e a tecnologia. Globalização implica necessariamente o aumento dos níveis de qualidade e excelência, nas parcerias, quer nacionais quer internacionais.

O progresso do século XXI apela a ideias arrojadas por parte da Universidade, para a partilha de conhecimentos e saberes de forma a contribuir para o enriquecimento da vida das pessoas em todo mundo, aumentando o seu bem-estar. A globalização acentua o ambiente de competitividade impondo, assim, exigências às instituições incluindo a Universidade, mas é com o seu corpo de saberes que a última pode dar respostas a estas exigências transformando-as num trunfo, num corpo de poderes, inerentes a si própria, o corpo de poderes da Universidade.

No entanto, os programas de mobilidade e cooperação entre Universidades no Espaço Lusófono não se limitam à partilha do corpo de saberes académicos mas à partilha de um corpo de saberes e valores, alguns de cariz ético, que são eventualmente transmitidos pelas diversas formas de socialização em todo Espaço Lusófono.

O desafio deste século, para as Universidades, em particular para as Universidades do Espaço Lusófono, é a legitimação de um campo de acção, interdisciplinar e multicultural, dentro de um outro vasto campo de acção: o mundo globalizado.

Referências

AREIA, Manuel. O Lusotropicalismo Revisitado: a Miscegenação em “Casa-Grande e Senzala. In: NEVES.F. S. (Org). *A Globalização Societal contemporânea e*



o Espaço Lusófono: Mitideologias, Realidades e Potencialidades. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

CANDEIAS, António, “Modernidade e cultura escrita nos séculos XIX e XX em Portugal: População, Economia, Legitimação política e Educação”. In: _____ (Org.). *Modernidade, Educação e Estatísticas na Ibero-América dos Séculos XIX e XX: Estudos sobre Portugal, Brasil e Galiza*. Lisboa: Educa, 2005.

CARAPINHEIRO, G. *Saberes e Poderes no Hospital*. Porto: Ed. Afrontamento, 1993.

CARVALHO, Rómulo. *História do Ensino em Portugal*. Desde a Fundação da Nacionalidade ao Fim do Regime de Salazar - Caetano. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.

CIPOLLA, Carlo, *Instrução e Desenvolvimento no Ocidente*. Lisboa: Ulisseia, 1969.

CORRÊA, Edison; Sandra Almeida. *Cooperação Internacional: a Interface com a Extensão Universitária..* In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, *Anais...* Belo Horizonte, 2004.

CRISTÓVÃO, Fernando, “Lusofonia”. In: _____ (dir.) *Dicionário Temático de Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores, 2005.

DOMINGUES, João. A CPLP enquanto vertente securitária de cooperação. In: PIM, Ivans et al. (Org.). *Paz e Segurança para o Século XXI*. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006.

FONTENLA, José Luís. *Ciência, Cultura e Política da Lusofonia*. [S. l.]: Ed. Nós, 1993.

MARGARIDO, Alfredo, *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos mitos portugueses*, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MARTINS, Moisés de Lemos. *Lusofonia e Lusotropicalismo. Equívocos e possibilidades dos dois conceitos hiper - identitários*. [S. l.]: Universidade do Minho, 2004.



MARTINS, Moisés de Lemos et Manuel Pinto (Orgs.). Lusofonia: ponto de saída ou linha de cegada? Uma aproximação desde a média digital. *Actas do 5.º Congresso da Associação de Ciências da Comunicação*, Universidade do Minho, 2007.

MOURÃO, Fernando. A CPLP num Mundo Globalizado. *Jornal de Letras*, Lisboa, n. 628, 1994.

MOURÃO, Fernando. CPLP: Oportunidades e Perspectivas. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, IPRI, 2002.

ROÈG, Walter, *Uma História das Universidades na Europa*. Lisboa, 1994. v. 1

ROSENDO, Ana Paula. *Notas sobre o Iluminismo na Escola*. Artigos, 2009.

SILVA, Lúcia. Qual o papel da Internet na promoção da (in) existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona?. *Actas do III SOPCOM e II Ibérico*, v. 1, 2002.

VIGGIANO, Alain. *Dossier Grupo dos Sete: Os povos e países de língua portuguesa*. Brasil: André Quicê Editor, 1994.

WOLTON, Dominique. *A Outra Globalização*. Lisboa: Difel, 2004.

